



O *schellenbaum* (a árvore de sinos), símbolo representativo da Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais

A MÚSICA MILITAR

Muséu do Corpo de Fuzileiros Navais

O homem aprendeu a produzir sons: batendo com os pés no chão, com os punhos no peito, com a madeira ou osso em outros objetos. Estava inventada a percussão, o tambor, e daí a criar as outras famílias de instrumentos musicais – sopro e corda – foi questão de tempo e evolução técnica.

Egípcios, sumérios e assírios utilizaram boa variedade de instrumentos musicais: harpas, liras, flautas, saltérios, tambores, trombetas etc. A música acompanhou a música por longo tempo, e achados arqueológicos mostraram divindades tocando instrumentos musicais.

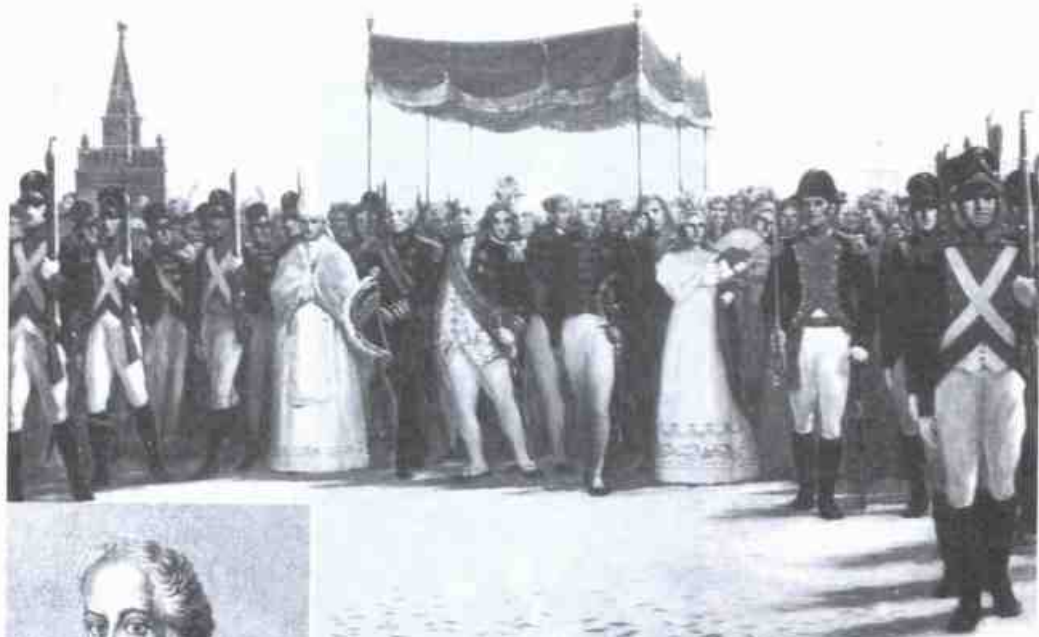
Foram os gregos que estabeleceram as bases da música ocidental. A própria palavra *mousike* significava arte das musas e

englobava poesia, dança, canto, declamação e matemática.

Os romanos assimilaram a música grega, e é em Roma que esta passa a exaltar a glória militar e onde o aperfeiçoamento dos instrumentos de sopro e percussão teve importância decisiva no desenvolvimento da melodia europeia.

NOSSA HERANÇA LUSITANA

É muito antiga a tradição musical a bordo dos navios da Armada. Podemos citar o conteúdo no diário de Vasco da Gama: "Ao sábado, vieram obra de duzentos negros, entre grandes e pequenos, e traziam umas doze reses, entre bois e vacas, e quatro ou cinco carneiros; e nós, como os vimos, fomos logo



D. João VI, na chegada ao Brasil da Brigada Real da Marinha
Foto: SDM

em terra. E eles começaram logo de tanger quatro ou cinco flautas, e uns tangiam alto e outros baixo, em maneira que concertavam muito bem para negros, de que se não esperava música, e bailavam como negros. E o capitão-mor mandou tanger as trombetas, e nós, em os batéis, bailávamos, e o capitão-mor também, de volta conosco”.

O príncipe regente D. João, depois D. João VI, aliás, como todos os Braganças, gostava imenso de música. Quando da partida da corte para o Brasil, levou a bordo da esquadra a “música marcial” da Brigada Real da Marinha, uma das melhores músicas militares que ao tempo havia.

Em 1816, D. Antônio de Araújo, Conde da Barca, escrevia ao nosso enviado na cor-

te inglesa para que adquirisse vários instrumentos destinados à música marcial da Brigada Real da Marinha, então no Rio de Janeiro, e acrescentava: “Dos melhores que houver, por isso causar muito agrado ao príncipe D. Pedro”. No entanto, nem todos os instrumentos encomendados foram adquiridos na Inglaterra. Apesar de na época nos encontrarmos em guerra com a França, quatro serpentões de volta e quatro trombões de anéis foram adquiridos naquele país. O arquiteto Grandjean de Montigny relata-nos que D. João VI dava o “beija-mão” na corte do Rio ao som da música militar da Brigada Real da Marinha, e que das vivendas nobres e chácaras vizinhas acorria gente para ouvir e ver desfilar a música.

A Brigada Real da Marinha, origem do Corpo de Fuzileiros Navais, que acompanhou a corte lusa em sua transmigração, tão logo desembarcou, pôs-se a marchar pelas ruas do Rio, tendo à frente sua “música marcial”. Todos ficaram encantados e não para-

vam de aplaudi-los, eis que nunca haviam ouvido música tão bonita e vibrante nem visto uniformes tão belos e garbosos.

Na "música marcial" vamos encontrar a gênese de todas as bandas de fuzileiros navais e seus maestros.

Hoje, os fuzileiros navais possuem 17 bandas de música, de vários tamanhos¹, integrando diversas organizações da Marinha, espalhadas pelo território nacional.

BANDA SINFÔNICA

Entre os integrantes das bandas de música do Corpo de Fuzileiros Navais, destacam-se algumas personalidades bastante conhecidas e apreciadas no meio musical brasileiro e também internacionalmente: o professor e maestro **Oswaldo Passos Cabral**², autor do poema sinfônico *Riachuelo*³, que retrata as glórias da Marinha na Batalha Naval do Riachuelo, travada em 11 de junho de 1865; o maestro **Florentino Dias**⁴, o maestro **Eleazar de Carvalho**, regente titular da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre e da Orquestra Sinfônica de Saint-Louis nos Estados Unidos.

Entre os professores e regentes das bandas de música, destacamos o maestro **Francisco Braga**², autor da música do Hino à Bandeira e patrono das bandas de música da Marinha. Dentre as suas grandes participações, podemos destacar um concerto sinfônico para a Rainha Elizabeth II em 1952, no Palácio de Buckingham (Inglaterra) e um concurso realizado em Hamburgo (Alemanha),

em 1974, quando se sagrou vencedor entre inúmeras bandas de música européias.

Do contato com bandas militares de outros países surgiu a idéia da criação de uma banda sinfônica, que germinou, tomando forma rapidamente. Em 7 de setembro de 1970, é ativada a Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais. Em 1977, sagrou-se vencedora do 1º Concurso Nacional de Bandas Sinfônicas Militares, realizado na Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro.

Recentemente, o reconhecimento da dedicação de seus integrantes veio em julho de 1996, quando a Banda participou do V Festival Internacional de Bandas Militares, realizado em Modena, na Itália. O sucesso e a importância desta apresentação são bem refletidos pelo depoimento do Suboficial (FN-MU) Jorge Wilson Soares Vieira, seu integrante na época.

"A Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais teve o prazer e honra de conviver com os berços bandísticos mais consagrados da música ocidental, representados pelas escolas vienense, italiana, holandesa e inglesa.

"A troca de informações a respeito da formação e estruturas de bandas, origem dos instrumentos, arranjos e evoluções proporcionaram ao nosso profissional uma ótima oportunidade para comparar a situação do músico militar brasileiro e, em particular, do fuzileiro naval com a dos músicos dos demais países participantes.

1 N.R.: As bandas classificam-se pelo número de seus integrantes. Assim, a banda tipo 1 possui 84 músicos; a tipo 2, 52; a tipo 3, 28 e a tipo 4, 22 integrantes.

2 N.R.: Veja *132 anos do Maestro Francisco Braga na RMB* 2º trim./2000 - p. 306 a 311 e *Maestro Oswaldo Cabral e seu centenário na RMB* 1º trim./2000 - p. 267 a 270.

3 N.R.: Veja *RMB* 3º trim./2001.

4 N.R.: O maestro Florentino Dias, aos 16 anos, ingressou na Banda de Música do Corpo de Fuzileiros Navais e, enquanto seguia a carreira militar, estudava na Escola Nacional de Música. Depois de formado, partiu para os Estados Unidos da América, onde fez mestrado em regência na Washington University e, ao voltar, em 1968, fundou a Orquestra Sinfônica e o Coral da Universidade Federal do Rio de Janeiro, criando a Filarmônica do Rio dez anos depois.

"Ficou claro que o nosso repertório destacou-se internacionalmente; pois, com o ritmo do samba, fomos os únicos a contagiar o público. A Banda exibiu sua grande versatilidade musical, recebendo em troca toda a admiração do público."

Em agosto de 1996, a Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais realizou, em São Paulo, na sede do Banco Real, o concerto de lançamento de seu segundo *compact disc* (CD), o *Clássicos a Bordo*.

Da capital paulista, a Banda seguiu viagem para Assunção, no Paraguai, onde exibiu-se por ocasião da solenidade de inauguração do Teatro Tom Jobim, parte integrante do Espaço Cultural da Embaixada do Brasil.

Mais uma vez com repertório bem escolhido e bastante versátil—incluindo, claro, Tom Jobim, Carlos Gomes, Roberto Carlos, Francisco Mignone, Pixinguinha e Ari Barroso, dentre outros—, os músicos brasileiros entusiasmaram a platéia.

Pelo bom reflexo da apresentação, o embaixador brasileiro no Paraguai, Márcio de Oliveira Dias, transmitiu mensagem ao então ministro da Marinha, assim expressando-se:

"Pela alta qualidade artística e pela sua absoluta identificação com as melhores tradições do país, não poderíamos haver contado, para primeira função do novo teatro, com espetáculo que desse melhor testemunho da presença institucional brasileira neste país."

"O desempenho técnico da Banda Sinfônica, sua organização e os seus irrepreensíveis comportamento e comunicabilidade transmitiram por certo aquilo que buscamos, continuamente, mostrar: a melhor imagem do Brasil e de suas instituições."

As viagens à Itália, ao Paraguai e a São Paulo acentuaram o espírito de corpo e aumentaram a camaradagem entre os músicos.

Assim, desde o histórico desfile de 7 de março de 1808 até os dias atuais, as bandas de música



Maestro Eleazar de Carvalho regendo a Banda do Corpo de Fuzileiros Navais (acima) e a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, esta em 3 de julho de 1982.

Fotos: SDM e CFN.

ca da Marinha do Brasil, Sinfônica e Marcial, realizam apresentações em todo o território nacional e no exterior, encantando o público com músicas vibrantes e uniformes vistosos.

Atualmente, a Banda Sinfônica possui um vasto repertório, constituído de marchas e canções militares, hinos, músicas populares e eruditas.

É composta de um oficial-regente, dois cantores, um coral de 25 vozes acompanhado pela cantora Telma Costa e 91 músicos, nas graduações de suboficiais e sargentos, com formação e aperfeiçoamento realizados na Escola de Música do Corpo de Fuzileiros Navais, sendo a Marinha brasileira a única Força Armada que possui uma Escola de Formação de Sargentos Músicos integrada na estrutura do Corpo de Fuzileiros Navais.

A Banda Sinfônica é um elemento organizacional da Companhia de Bandas do Batalhão Naval do Corpo de Fuzileiros Navais, localizada na Fortaleza de São José da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro.

BANDA MARCIAL

Em março de 1808, quando a Brigada Real da Marinha chegou ao Rio de Janeiro, vinda de Portugal, já trazia sua Banda Marcial, com 60 componentes, distribuídos nos naipes de trombetas, caixa de guerra e de pífaros. Assim continuou até 1946.

Fruto do contato de nossa Marinha com Forças Armadas de outros países durante a Segunda Guerra Mundial, em 1946, a Banda Marcial foi reorganizada, possuindo, a partir de então, oito bombos, oito taróis, 16 caixas de guerra, oito surdos, oito pratos,

16 pífaros, 24 cornetas de primeira voz, 24 cornetas de segunda voz e 16 cornetas-baixo, com um efetivo de 128 militares.

Em 1951, a guarnição do Cruzador *Tamandaré* presenteou a Banda Marcial com 16 gaitas escocesas, aumentando seu efetivo para 144 figuras.

Em 1968, passou a ter 170 figuras, ostentando, naquele ano, os títulos de maior banda marcial militar e maior banda de gaitas escocesas do mundo, tornando-se famosa e admirada pelo povo brasileiro.

Ao longo desses anos, a tradicional Banda Marcial vem divulgando a Marinha e o Corpo de Fuzileiros Navais em todo o território nacional, através da

técnica e das evoluções de seus componentes, que entusiasmam todas as platéias por onde se apresentam.

Cada vez mais é solicitada para exibições, tendo inclusive enviado representações à coroação da Rainha Elizabeth II da Inglaterra, em 1956, em Houches (Inglaterra), às comemorações Cabrali-

nas, em Portugal e nos festejos da Independência do Paraguai. Por sua qualidade, tem despertado a formação de bandas e fanfarras escolares nos diversos municípios dos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, que a têm como modelo.

Hoje a Banda Marcial possui um efetivo de 126 componentes.

Recentemente, o Corpo de Fuzileiros Navais recebeu significativo presente do Navio-Escola *Brasil* a árvore de sinos o *schellenbaum*, uma tradicional peça de metal com campainhas, ornadas de folhas de carvalho, sol, águia laqueadas de dou-

D. João VI dava o “beija-mão” na corte do Rio ao som da música militar da Brigada Real da Marinha; das vivendas nobres e chácaras vizinhas acorria gente para ouvir e ver desfilar a música

rado e estrelas, que vai à frente da Banda Marcial. (Veja 1ª capa)

Este enfeite representativo é proveniente do Oriente Próximo. No passado, o *schellenbaum* era considerado como sendo um instrumento de percussão.

A Hungria, a Polónia e a Áustria travaram conhecimento com esse instrumento durante as guerras com os turcos, no século XVI.

O *schellenbaum*, que, na sua forma primitiva, havia servido, durante vários séculos, como instrumento de ruídos, transformou-se, em solo europeu, em símbolo representativo de bandas e regimentos.

A Brigada Real da Marinha, quando aportou no Rio de Janeiro em 1808, acompanhando a corte portuguesa, trouxe também sua Banda Marcial e, à frente dela, o *schellenbaum*.

FUZIBOSSA

Com o tempo, a paixão pela música levou ao surgimento de um grupo musical que se propunha a apresentar nos quartéis músicas de natureza não militar. O grupo se firmou e, a partir de 1929, passou a fazer parte da vida do Corpo de Fuzileiros Navais.

Tendo adotado o nome de Jazz Band, o grupo evoluiu e com ele o seu nome. No final da década de 50, passou a ser conhecido como Fuzibossa, devido ao movimento denominado Bossa Nova. A aglutinação de Fuzileiros e Bossa Nova deu tão certo que permanece moderna e atual até os dias de hoje.

O Fuzibossa teve várias formações e componentes.

Em 1999, o comandante-geral do Corpo de Fuzileiros Navais, Almirante-de-Esquadra (FN) Carlos Augusto Costa, criou a Orquestra Fuzibossa, que é formada pelos componentes do conjunto Fuzibossa e complementada por músicos da Banda Sinfônica, com a formação de 27 componentes, contando, ainda, com três cantoras civis contratadas – Alcione, Nadiège e Regina.

Hoje, além de abrilhantar bailes em diversas organizações militares da Marinha, é solicitado para bailes de formatura e eventos no meio civil.

QUINTETO DE SOPROS DO CFN

Os grandes compositores do século XVII, ao depararem com o dilema de executar suas obras em ambiente de pouco espaço, idealizaram a criação de músicas de câmara, isto é, músicas escritas para poucos instrumentos e adequadas à execução em ambientes fechados ou aposentos.

Essa redução, normalmente, para cordas ou, ainda, corda com acréscimo de um instrumento de madeira, envolvia de três a oito instrumentos, daí resultando nos trios, quartetos, quintetos etc.

Os trios geralmente eram acompanhados de piano; os quartetos, às vezes.

Os quintetos, por sua vez, por melhor abrangerem a utilização do maior número de cordas, eram os mais usados e, também, os que sofreram ao longo dos anos uma diversidade de combinações orquestrais.

Foi a partir dessas combinações que, no final do século XIX, surgiu o Quinteto de Sopros, que consiste numa combinação habitual de quatro instrumentos de madeira – a flauta, o oboé, a clarineta e o fagote –, acrescidos de um instrumento de metal – a trompa.

Como na idéia do passado, o Quinteto de Sopros do Corpo de Fuzileiros Navais é empregado para abrilhantar cerimônias em ambientes fechados e de pouco espaço.

Dentre os principais compositores do seu repertório destacaram-se Reicha, Danzi, Schmitt, Francaix e Carter.

O Quinteto de Sopros foi criado no ano de 1996, formado por músicos da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais.

Desde então, vem dando ênfase aos eventos de que participa como veículo de Relações Públicas da Marinha.